

Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

Helena Kolody: reminiscências de leitura e escola

Luísa Cristina dos Santos Fontes (UEPG/UFSC)

Palavras-chave: Helena Kolody; Leitura; Escola.

ST 66 – Construindo novas relações de gênero: a presença feminina nos territórios do saber.

Esse trabalho com a memória de Helena Kolody – que desenvolvo desde julho de 2006 –, com o avesso dos panos, como diz Cecília Meireles, tem sido uma revelação. Compor e recompor as memórias em dados que não estão previamente prontos, que têm um saboroso gosto de longe... As informações, que nem sempre estão na superfície dos textos, exigem um trabalho de combinação, recomposição, montagem, cruzamento, complementação e análise – e que, óbvio, não se esgotarão nos limites deste ensaio. Entre as reminiscências do passado, interessam-me as lembranças que narram as condições de acesso à escritura, que são sinalizadas por suas impressões sobre leitura e escola.

Ao processo de formação de uma escritora, subjaz o processo de formação de uma leitora, nos contextos de aprendizagens informais e formais. Tais processos são reconstituídos pelos inúmeros depoimentos de Helena Kolody, registrados principalmente em entrevistas publicadas com tonalidades eminentemente memorialistas. Para além da anamnese, aí estão as lembranças dos estabelecimentos de ensino, dos livros preferidos e suas configurações gráficas, das matérias escolares, das características dos professores, do material de uso didático, dos métodos de ensino, das condutas disciplinares e das práticas de aquisição de leitura e da escrita. Conforme avalia Barthes, “a leitura da leitura, a metaleitura, não é nada mais do que um estilhaçar-se de idéias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões...”¹ Além das elucubrações sobre suas experiências com a escola, há contundentes marcações a respeito de suas impressões de literatura desde tempos muito remotos, muito anteriores à sua alfabetização. Sem falar nos vestígios da forma feminina de se relacionar com a leitura ou de apropriar-se dela...

Meu avô materno, José Szandrowsy, era administrador da herdade em Yuri Jan-Paul de um senhor nobre que vivia em Moscou. Meu avô tinha muita pena dos camponeses que trabalhavam exaustivamente a semana inteira. Então no dia de folga, meu avô os reunia e lia jornais e livros importantes para eles.²

O curioso nessa perspectiva é que a atividade da memória, ou com a memória, significou a saída do anonimato e tornou públicas suas lembranças mais íntimas, embora a educação que teve, tenha

induzido, ao contrário, em muitos momentos, “à negação de sua identidade pessoal, a amortização de seus desejos e sonhos ou o decoro do esquecimento de si”³.

Embora não seja alvo central deste ensaio a relação leitura e escola, e sim o que esta relação, entre outras, contribuiu na formação de uma escritora, pode-se também vislumbrar formas, estilos e conteúdos sobre a vida de mulheres na primeira metade do século XX. Há significativos dados sobre os grupos sócio-familiares, seus valores, práticas, hábitos étnicos e religiosos. Em meio a eles, certos usos e práticas da leitura, ou de sua proibição. Além disso, pode-se verificar quais foram os sujeitos que interferiram no processo de formação da leitora, quais as imagens de leitura lembradas e o que elas representam como pistas para a reconstituição dos processos, fatores e condições de possibilidade de uso e circulação da leitura. Como fonte documental deste breve relato procurei resgatar pistas, vestígios, indícios, fragmentos, cacos, lascas, em várias entrevistas concedidas por Helena Kolody (considere-se o crivo da escritora), depoimentos de escritores, críticos, amigos – todos registrados em livros e periódicos –, correspondências, epígrafes de seus livros, seus versos, depoimentos de sua irmã, Olga Kolody Muñoz Ferrada...

Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado e, por isso, sofre suas interdições e imposições, sem que a escritora consiga, de fato, evitar artifícios, interpretações, lapsos... ou seja, é uma atividade orientada pela atualidade, limitada, muitas vezes, por margens impostas, por exemplo, pelos entrevistadores, alimentada pelas relíquias da vida pessoal. Reinvenção do passado pelo presente. As seleções entre o que rememorar e comemorar privilegiam certos aspectos da vida em detrimento de outros. “Eu fui uma criança bilíngüe. Falava português com meus irmãos e ucraniano com mamãe. Guardo, até hoje, na memória, versos inteiros de Tarás Chevtchenko, que mamãe recitava em voz alta, à noite, lendo à luz do lampião...”⁴

A maior parte de sua infância, Helena passou na cidadezinha de Três Barras⁵. Terminou a escola primária em 1922 na cidade de Rio Negro, onde foi morar com sua tia, Rosa Kolody Procopiak, que era professora do grupo escolar, considerado na época um dos melhores no interior do Paraná. Era o tempo da reforma escolar realizada pelo Prof. César Prieto Martinez e, conforme depoimento de HK, a escola contava com ótimo corpo docente. “Isso me deu uma boa base de ensino elementar, alicerce de qualquer estudo posterior”.⁶ Rosa ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano e em português. Na escola, Helena aprendeu a ler em um mês.

É em um mês, e então ganhei a minha cartilha! Eu me lembro como era, eu me lembro até do cheiro da tinta, do papel acetinado, da beleza da cartilha, da primeira página como era! Era uma menina e um gatinho e a primeira sentença era em cursivo e não impresso. Uma menina e um gatinho. O gatinho é da menina. A menina chama-se Laurita. Como se chama o gatinho? [Neve] Eu tinha 7 anos e me lembro desta página.⁷

Vale a pena ladear o depoimento de Helena com o de Graciliano Ramos, citado por Lajolo e Zilberman (p. 198): “...um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco. Principiei a leitura de má vontade...”

Sobressaem nas reminiscências de Helena Kolody, evocações de afetividade. Seus depoimentos trazem vários títulos que fizeram parte de seu elenco de leituras, e como os descreve é possível recompor boa parte de suas condições de acesso à leitura desde criança, sobretudo no âmbito familiar. Aliás, característica muito comum aos depoimentos do tipo memória é o de documentar fatos que transcorreram em períodos que cobrem grande parte da vida da escritora e, muitas vezes, incluem informações sobre seus ancestrais. Na maioria dos depoimentos e entrevistas pesquisados, Helena já contava mais de setenta anos.

Em julho de 1927, mudou-se com a família toda para Curitiba. Moraram na Rua Itupava⁸, na época, fora do quadro urbano. Ou seja, rua barrenta, com riozinho ao lado, sem luz elétrica e água encanada. Periferia... A sensação de periferia, também “dita” por Helena, é adequada à “posição” limiar de “primeira brasileira de uma família de ucranianos”. Uma face do Brasil periférico.

Aos 16 anos, Helena lia muito Olavo Bilac e os simbolistas. Rindo lembra que ganhou de um professor um “Tratado de versificação” de Olavo Bilac e Guimarães Passos para aprender métrica para fazer sonetos. “Nem terminei de ler o livro, pois cheguei à conclusão que se fosse acompanhar tudo o que o tratado ensinava jamais faria poesia na vida”.⁹

Seus depoimentos indicam a posse de impressos muito cedo e também a aquisição e a conservação de materiais de leitura em biblioteca pessoal. Boa parte deste acervo está sob a guarda de Olga, sua irmã, que o conserva tal e qual foi deixado por Helena. A existência de livros e jornais (o pai delas recebia regularmente jornais de São Paulo e da Europa) em casa serviu objetivamente como condição favorável à entrada no mundo da leitura. Esta condição completou-se com o acesso a bibliotecas escolares.

Desde sempre cultivou duradouras amizades. Na juventude, destaque-se a convivência com a família de Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Suas filhas Renée e Helvídia foram as primeiras amigas que teve em Curitiba. Elas tinham em casa coleções inteiras de revistas antigas: *O olho da rua*, *Fanal*¹⁰ e outras, bens simbólicos que fascinavam Helena Kolody. A afinidade maior era com Helvídia, que também escrevia versos, além de desenhar e pintar.

Lendo essas revistas, eu pude recuperar um passado paranaense que não possuía, por ser filha de estrangeiros. Uma espécie de reposição das raízes que me faltavam.¹¹

Cursou a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomou-se professora em 1931. De 1932 a 1937 lecionou em Rio Negro e Ponta Grossa. O jornal *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa, estampava em sua primeira página do dia 10 de setembro de 1936: “Congresso de Honra – vibrantes palavras do chanceler Hitler”; “Os integralistas confessam – estavam se armando, mas para combater o comunismo”. No mesmo exemplar, seu diretor, José Hoffmann, anuncia a criação da “Página Feminina” em “um ligeiro preambulo: esta pagina espelhará, palida e modestamente, a alma pulchra da MULHER PONTAGROSSENSE”. A esta, seguiram-se mais oito páginas coordenadas por Helena Kolody, em nome do Centro de Cultura Feminina. Observe-se que após este período, Helena Kolody foi nomeada para a Escola Normal de Curitiba. Curiosamente, à exceção da própria Helena, de Anita Philipovsky – na época já consagrada – e de Emília Dantas, todas as demais “escritoras”, em sua maioria professoras ponta-grossenses, assinavam usando pseudônimos: Branca de Neve, Cinderela, Ranzinza, Chiffon, Brasileira, Mike, Flor de Lótus, Muriel, Espanholita, Satanela, Tia Bilu, Ming-Toi... – que até mereceriam um estudo à parte; outras, apenas as iniciais: GIP, LPM, CL¹².

Quando, em 1941, Helena publica, em Curitiba, a coletânea *Paisagem Interior*, “seu primeiro buquê de poemas”, Bilac ainda é um Deus, o Modernismo de 22 ainda é apenas um escândalo e a poesia só é reconhecível nos trajes de gala do soneto. Sobretudo já estava morto e enterrado o rico movimento simbolista que, presente no Brasil todo, tinha tido em Curitiba o seu centro mais ativo.

E por falar nos que a incentivaram, não se pode esquecer o nome de Andrade Muricy, que, embora radicado no Rio, sempre atuou principalmente nas esferas culturais do Paraná. Sua ponderada palavra crítica muito a ajudou. Foi ele que lhe chamou a atenção para o seu espírito de síntese, de brevidade, ressaltando que seus melhores poemas eram os pequenos. “Isso serviu para me abrir os olhos para uma qualidade que eu não sabia que tinha”.¹³ Foi através de um livro de Andrade Muricy, *A moderna poesia brasileira*, que Helena descobriu Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade... escritores que marcam qualquer leitor sensível, com que trocou correspondência (dado que certamente merece uma pesquisa).

Novamente a temática da fronteira, do confronto de limites para além dos geográficos, dos políticos. Em algumas poesias, Helena frisa sua conexão sangüínea e espiritual-atávica com a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta dolorosa.

A propósito, em seus depoimentos, é possível identificar a atuação da mãe, Victoria Szandrowska Kolody, como dado fundamental de sua história como leitora, na medida em que esta contribuiu com um repertório favorável por meio do que lia, da partilha de seu gosto e da preferência

literária transmitida, oralmente, como parte de seu legado cultural. A leitura orientada pela mãe cumpre, em muitos momentos, um papel propedêutico. No trecho a seguir é possível retomar parte daquilo que a memória conservou e tomou para ser lembrado. É passagem que recompõe o retrato da mãe leitora e ajuda a reconstituir, nas relações pessoais e familiares, a forma como essa personagem atuou na trajetória de vida e de leitura de sua filha.

Lembro de mamãe recitando poemas nesta língua, porque ela lia em voz alta para a gente: Pensamentos, meus caros pensamentos, eu sou infeliz convosco... – não podemos esquecer que Tarás, autor destes versos, viveu exilado – Por que se alinham no papel em fileiras tão tristes? Por que o vento não vos espalhou na estepe como pólen das flores? – Minha mãe recitava isso em ucraniano, decorei por influência dela.¹⁴

Do grande poeta Tarás Chevtchenko, Helena fez, ainda em 1940, a primeira tradução de alguns poemas que foram publicados no jornal de língua ucraniana *O Lavrador*. Nos anos 50, colaborou na versão portuguesa de poesias ucranianas, que entraram na *Antologia da Literatura Ucraniana* sob a organização de Wira Selanski (1959 e 1977). Convém lembrar que, antes de se casar, seu pai fundou em Curitiba o jornal ucraniano *Zoriá*.

Leu muito, poesia, é óbvio. Adorava Paulo Leminski e Alice Ruiz. Não dispensava Cecília Meireles, Drummond, Carlos Nejar e Pablo Neruda¹⁵. Admirava as poesias satíricas de Emílio de Meneses.¹⁶ Seus livros continuam exatamente como quando “o pássaro da poesia levantou vôo”¹⁷ em 14 de fevereiro de 2004. Na estante pequena, ao lado de sua cama, os livros mais caros, os mais revisitados; sobressaem quinze títulos de Cecília Meireles, alguns com dedicatória da autora para Helena Kolody, cinco de Andrade Muricy, dois de Baudelaire – em francês, Drummond, Alphonsus de Guimaraens, Guilherme de Almeida, Mario Quintana, Manuel Bandeira, João Cabral... não surpreende o fato de serem quase todos livros de poesia e, entre eles, alguns de crítica literária.

Por fim – pôr fim? –, o valor da biografia se justifica principalmente pelo biografado. As anotações aqui reunidas e re-p(r)ensadas mostram uma Helena Kolody não apenas escritora. Kolody é, antes, leitora, e das mais agudas. Diferentemente de Adélia Prado, que em momento algum dá brecha para que sua biografia sobressaia, Helena, generosamente, nunca negou uma resposta, por maior que fosse o cunho pessoal. Para além de poética, a visceral experiência de vida que seus textos ou depoimentos expressam está empapada de uma profunda e específica experiência de mulher – leitora, estudante, professora e escritora. Longe de se esgotar, a reflexão sobre Helena Kolody tem se renovado e está apenas começando...

Referências

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. [Col. Roland Barthes]
- CADERNOS do Museu da Imagem e do Som. N. 13. XAVIER, Valêncio. (editor) Curitiba, 1989.
- FERRADA, Olga Kolody Muñoz. Depoimentos orais coletados em diversas entrevistas, por Luísa Cristina dos Santos Fontes, entre setembro de 2006 e julho de 2007.
- FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Roteiro insuspeito: Helena Kolody em PG. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 15 de setembro de 2007. Suplemento Especial: Um século de literatura.
- HELENA de Curitiba: poemas selecionados Helena Kolody. Coordenação Departamento de Marketing do Grupo Positivo. Curitiba: Positivo, 2005.
- KOLODY, Helena. *Era espacial & Trilha sonora*. Curitiba: SENAI, 1966.
- _____. Entrevista a Luiz Augusto Moraes, Raul Longo e Roberto Gomes. *Jornal do Livro*. N. 7. Porto Alegre, abril/maio 1985. p. 4-5.
- _____. *Um escritor na biblioteca*. Curitiba: BPP/SECE, 1986.
- _____. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988.
- _____. *Helena Kolody*. VENTURELLI, Paulo. (org.) Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.
- _____. *Sinfonia da vida*. REZENDE, Tereza Hatue de. (org.) Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.
- _____. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [texto bilíngüe: português e ucraniano]
- LACERDA, Lílian de. *Álbum de leitura: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.
- MARANHÃO, Malu. Vida poética. *Folha de Londrina*. Londrina, 9 jul. 1985.
- MILLARCH, Aramis. Nos haikais do dia a dia o significado da permanência. *O Estado do Paraná*. Curitiba, 23 mar 1988.
- RUIZ, Alice. In: KOLODY, Helena. *Sinfonia da vida*. REZENDE, Tereza Hatue de. (org.) Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.
- SELANSKI, Wira. In: KOLODY, Helena. *Sinfonia da vida*. REZENDE, Tereza Hatue de. (org.) Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.
- VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. [Série Paranaenses, n. 6]

¹ BARTHES, 2004, p. 31

² KOLODY, 1986, p. 15

³ LACERDA, 2003, p. 30

⁴ KOLODY, in REZENDE, 1997, p. 30

⁵ Na época, era uma vila do estado de Santa Catarina (Questão do Contestado)

⁶ KOLODY, 1989, p. 6

⁷ KOLODY, 1989, p. 16; KOLODY, 1986, p. 18

⁸ Esquina com a Rua Sete de Abril, onde Miguel Kolody se estabelece com uma casa de secos e molhados. No local, hoje, há um posto de gasolina. Vizinharam o ex-presidente Jânio Quadros.

⁹ MARANHÃO, 1985, p. 14

¹⁰ *O olho da rua* era uma revista literária, auto-intitulada humorística, que circulou em Curitiba e região de 1907 a 1911. Praticava um anticlericalismo ferrenho. *Fanal* foi um periódico literário que surgiu em 1911, já apontando sinais de um modernismo nascente. Veiculou a corrente espiritualista do modernismo.

¹¹ KOLODY, 1985, p. 27

¹² FONTES, 2007, p. C9

¹³ KOLODY, 1995, p. 20

¹⁴ KOLODY, 1989, p. 23

¹⁵ MARANHÃO, 1985, p. 14

¹⁶ MILLARCH, 1988. p. 14

¹⁷ Suas últimas palavras, ditas a uma enfermeira.